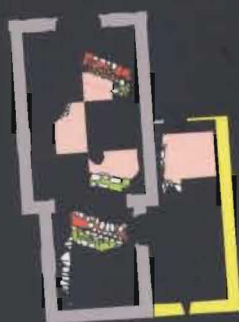


# A BASÍLICA SUEVA DE DUME E O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

Luis Fontes



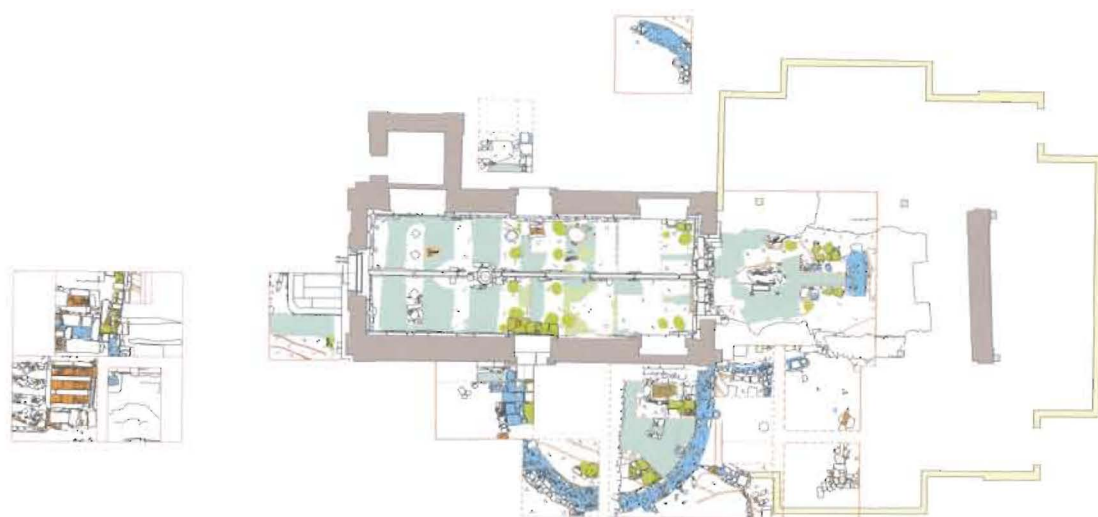
- Romano (sécs. I-V)
- Suevo e Visigodo (sécs. VI-VIII)
- Alto Medieval (sécs. X-XI)
- Moderno (sécs. XVII-XVIII)
- Contemporâneo (inícios séc. XX)
- Actual (finais séc. XX)



Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho  
Junta de Freguesia de Dume

# A BASÍLICA SUEVA DE DUME E O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

Luis Fontes



- Romano (sécs. I-IV)
- Suevo e Visigodo (sécs. VI-VIII)
- Alto Medieval (sécs. X-XI)
- Moderno (sécs. XVI-XVIII)
- Contemporâneo (inícios séc. XX)
- Actual (finais séc. XX)



Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho  
Junta de Freguesia de Dume

Braga e Dume - 6 de Agosto de 2006

# A BASÍLICA SUEVA DE DUME E O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

**Titulo**

A IGREJA SUEVA DE DUME E O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

**Autor**

Luís Fontes

**Produção**

Luís Fontes e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia da  
Universidade do Minho

**Fotografias**

Luís Fontes / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho  
Fotos do Túmulo por Manuel Santos / Museu Regional de Arqueologia  
D. Diogo de Sousa

**Desenhos**

Cartografia de Luís Fontes e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia  
da Universidade do Minho  
Desenho do Túmulo de Amélia Marques Fernandes e Fátima Ferreira /  
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa

**Patrocínio**

Junta de Freguesia de Dume

**Editor**

Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho

**ISBN:** 972-99277-3-1

**ISBN-13:** 978-972-99277-3-7

**Impressão e acabamentos**

Mota & Ferreira, Lda.

**Depósito Legal:**

246549/06

1.ª Edição 2006 1000 exemplares

Esta obra não pode ser reproduzida ou copiada, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização expressa do autor. Reservados todos os direitos pela legislação em vigor (DEC-LEI 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro)



## COMISSÃO DE HONRA

**Dra. Isabel Pires de Lima**, *Ministra da Cultura*

**D. Jorge Ortiga**, *Arcebispo Primaz de Braga*

**Dr. Fernando Ribeiro Moniz**, *Governador Civil de Braga*

**Eng. Francisco Mesquita Machado**, *Presidente do Município de Braga*

**Dr. António Braga**, *Presidente da Assembleia Municipal de Braga*

**Doutor António Guimarães Rodrigues**, *Reitor da Universidade do Minho*

**Doutor José da Silva Lima**, *Presidente do Centro Regional de Braga da Universidade Católica*

**D. Carlos Pinheiro**, *Bispo Titular de Dume e Auxiliar Emérito de Braga*

**Dr. Elíseo Summavielle**, *Presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico*

**Dr. Manuel Bairrão Oleiro**, *Presidente do Instituto Português de Museus*

**Dr. Fernando Real**, *Director do Instituto Português de Arqueologia*

**Dra. Ilda Carneiro**, *Vereadora do Pelouro da Cultura do Município de Braga*

**Doutor Lúcio Craveiro da Silva**, *Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho*

**Sr. Constantino Vieira Caldas**, *Presidente da Junta de Freguesia de Dume (São Martinho)*

**Dra. Maria José Januário**, *Presidente da Assembleia de Freguesia de Dume (São Martinho)*

**Prior Armindo Ribeiro**, *Pároco de Dume (São Martinho)*

**Dra. Isabel Silva**, *Directora do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo e Sousa*

**Dr. Luís Fontes**, *Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho*

**Sr. José Gomes**, *ex-Presidente da Junta de Freguesia de Dume (São Martinho)*

**Eng. Henrique Pacheco**, *ex-Presidente da Junta de Freguesia de Dume (São Martinho)*

**Dr. José Gomes de Sousa**, *ex-Presidente da Junta de Freguesia de Dume (São Martinho)*

**Arq.to Nuno Portela**, *Autor do Projecto de Arquitectura*

**Dr. Pedro Lopes**, *Chefe de Divisão de Reconversão Urbanística do Município de Braga*

**Dr. Duarte Chaves**

**Dr. João Alberto Granja**, *ex-Deputado à Assembleia da República*

**Padre António Macedo Ribeiro da Silva**

**Sr. Manuel da Silva Balão**, *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*

**Sr. Manuel Martins Pereira**, *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*





## PREFÁCIO

Culminando um longo processo de petições e requerimentos, já iniciado em 1919 de modo informal, aquando da retirada do Túmulo dito de São Martinho de Dume da capela-mor da igreja paroquial de Dume, e mais formalmente desde 1981, foi superiormente determinado, por despacho do Senhor Secretário de Estado da Cultura, de 20 de Novembro de 1982, que se procedesse à instalação do referido túmulo na paróquia, devendo para o efeito serem criadas as condições indispensáveis.

Essa tarefa foi em 1982 cometida ao Serviço Regional de Arqueologia do IPPC e à Comissão Instaladora do Museu D. Diogo de Sousa, concretizando-se em 1986 com a elaboração de um projecto de núcleo museológico monográfico centrado no Túmulo dito de São Martinho de Dume, a instalar na capela de Nossa Senhora do Rosário, contígua ao adro da igreja paroquial de Dume. Para o efeito realizaram-se obras de restauro e adaptação da referida capela, orientadas por técnicos da DGEMN e parcialmente financiadas também por esta entidade.

Entre 1987 e 1991, na sequência quer das obras de restauro da capela de Nossa Senhora do Rosário, como da ampliação da igreja paroquial de Dume, realizaram-se escavações arqueológicas, financiadas pelo governo central através do Instituto Português do Património Cultural, colocando-se a descoberto um importante conjunto de vestígios da época de São Martinho de Dume.

A importância e valor histórico, cultural e científico das ruínas arqueológicas de Dume, correspondentes aos vestígios da basílica cristã mandada construir pelo rei suevo Charrarico, em meados do século VI e de parte do mosteiro fundado por São Martinho de Dume, reaproveitando parte de uma *villa* romana, da qual se conserva a totalidade da planta de um balneário, levaram à consideração, em 1991, de que a instalação do túmulo dito de São Martinho de Dume na freguesia se deveria associar à conservação e valorização das ruínas arqueológicas descobertas em torno da igreja paroquial de Dume, abandonando-se o projecto inicial de colocação na capela de Nossa Senhora do Rosário, a qual se veio a considerar inadequada.

Determinou-se então que o IPPC lançasse o projecto de recuperação e reintegração das ruínas, no âmbito do Programa Prodiatec 91, estabelecendo-se que o túmulo de São Martinho de Dume se deveria manter transitoriamente depositado no Museu D. Diogo de Sousa, devendo a transferência para Dume ocorrer somente após a criação das condições exigidas.

A par desta reformulação do projecto e em consequência do reconhecimento da



importância dos vestígios descobertos, tanto pelo meio científico nacional e internacional como pelas entidades da tutela, encetou-se o processo de classificação das ruínas arqueológicas de Dume, que culminou em 1993 com a sua classificação como Monumento Nacional - Decreto n.º 45/93, de 30-11, e em 1997 com a delimitação de uma zona especial de protecção - Portaria n.º 227/97 (2.ª série), de 13-5.

O projecto de valorização deveria contemplar a criação de um percurso museológico entre um edifício novo que albergasse o túmulo e a igreja, de modo a proporcionar uma visita às ruínas conservadas, facultando ao visitante a observação do monumento funerário e das ruínas da *villa* romana e do mosteiro e basílica suevas.

Nada foi resolvido até 1995, ano em que se retomou o projecto inicial de instalação do túmulo na capela de Nossa Senhora do Rosário, ao abrigo de um protocolo formalmente celebrado entre a Secretaria de Estado da Cultura e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em 8 de Setembro, o qual estabelecia que o Túmulo seria colocado na referida capela, após feitas as necessárias obras de adaptação, atribuindo-se ao Museu D. Diogo de Sousa a responsabilidade do acompanhamento técnico necessário.

Sustentada pelo facto de haver claras decisões governamentais relativas a esta matéria, a Junta de Freguesia de Dume, face ao impasse em que o processo se encontrava e com o apoio do Município de Braga e com a colaboração da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho ( direcção científica dos estudos) e do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (enquadramento técnico das acções de conservação e de musealização), assumiu a implementação do projecto de valorização das ruínas arqueológicas de Dume, tendo para isso adquirido a quinta contígua ao adro da igreja.

Cumprindo todas as formalidades legais, que contemplaram a aprovação do projecto pelo Instituto Português do Património Arquitectónico, aí se construiu de raiz, com financiamento do Município de Braga, um edifício para albergar o Túmulo dito de São Martinho e para funcionar como centro de recepção ao Núcleo Arqueológico de São Martinho de Dume. Saliente-se que, para além de se terem cumprido todos os procedimentos legais, o respectivo projecto obedeceu a requisitos de funcionalidade e de segurança estabelecidos pelo Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

Com a construção do edifício, pretendeu a Junta de Freguesia de Dume criar um pólo destinado a fins culturais e lúdicos, funcionando como centro de interpretação do conjunto de ruínas arqueológicas de Dume, podendo albergar exposições, recepcionar visitas organizadas de público escolar e público indiferenciado mas também de



época, num circuito da 'Braga Cristã Antiga'.

Pretendeu ainda a Junta de Freguesia de Dume, garantir a salvaguarda e valorização dos referidos Monumentos (Túmulo e Ruínas), facultando ao usufruto público um espaço de cultura, beneficiando a população residente e todos os seus visitantes, privilegiando as instituições escolares e associações culturais.

Considerou a Junta de Freguesia de Dume e, consigo, todos os naturais e residentes na paróquia de Dume, bem como todas as entidades que têm colaborado interessadamente neste projecto, que o depósito do Túmulo dito de São Martinho de Dume no seu lugar de origem não pode ser considerado um banal processo de retorno de uma peça de museu que, aliás, nunca foi. A sua colocação em Dume reveste um especial valor simbólico, vinculado à identidade cultural não só da população dumense mas de toda a região bracarense, devendo ser valorizado como tal.

Acresce que se fizeram significativos investimentos, na aquisição da quinta, na construção do edifício para albergar o túmulo, nas escavações arqueológicas, na adaptação da igreja paroquial e da capela de Nossa Senhora do Rosário, com o objectivo de criar em Dume um pólo cultural em torno de Monumentos únicos em Portugal, capaz de concorrer com conjuntos patrimoniais similares da Europa.

É tudo isto que a Junta de Freguesia de Dume começa a ver concretizado, com a inauguração do edifício do Núcleo de Arqueologia de São Martinho de Dume em 6 de Agosto, dia da festa litúrgica do Santo, que é também e significativamente o patrono da arquidiocese de Braga.

Cumpridos os necessários procedimentos legais, a população de Dume verá novamente o Túmulo dito de São Martinho na 'sua terra' e não deixará de se congratular com a renovação enriquecida da sua Memória Cultural, para a qual este livro também contribui.

Nesta data especialmente festiva, não podemos deixar de publicamente dar testemunho do nosso agradecimento a todas as pessoas e entidades que participaram na concretização deste projecto, colaborando empenhadamente na resolução de tudo o que foi necessário para que esta obra se concretizasse.

A todos, o nosso Bem Hajam.

**Constantino Vieira Caldas**

Presidente da Junta de Freguesia de Dume (São Martinho).









Perspectiva sobre a igreja paroquial de Dume

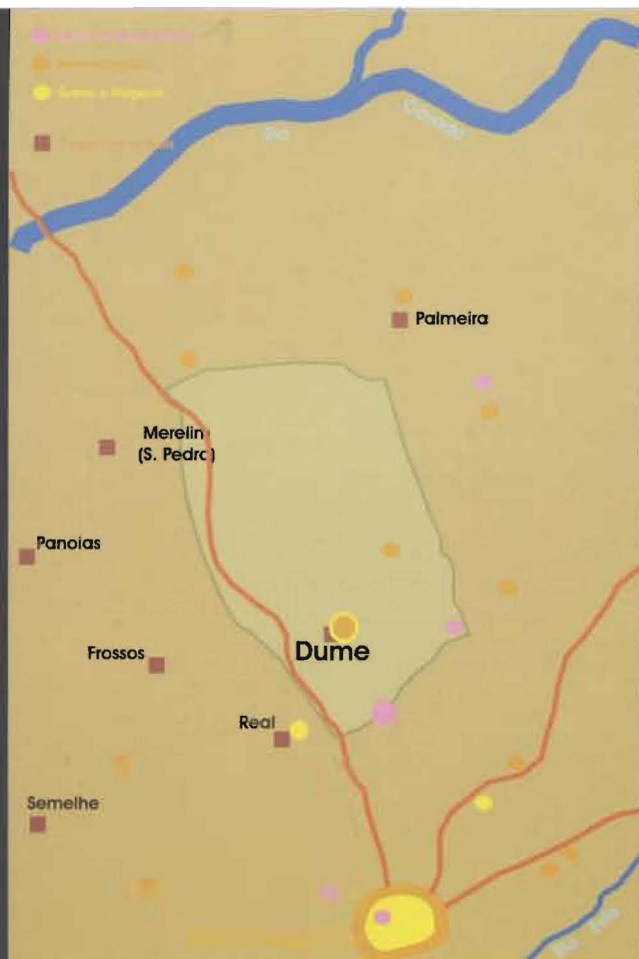


## DUME (SÃO MARTINHO): Breve Síntese Histórica da Freguesia

A freguesia de Dume (São Martinho), situa-se cerca de 2 km a Norte da cidade de Braga, na bordadura esquerda do vale do rio Cávado, ocupando uma área superior a 430 hectares de terrenos bem irrigados e com solos de elevada aptidão agrícola. Durante séculos, a principal actividade económica da população dumense foi, precisamente, a agricultura. Actualmente, embora parte dos mais de 3000 habitantes de Dume continuem ligados ao sector primário, a maioria distribui-se pela indústria têxtil e de marroquinaria, por outras pequenas indústrias de transformação e ainda pelo comércio e serviços.

Também a paisagem conheceu profundas mudanças, configurando-se agora uma sucessão de espaços urbanos entre espaços agrários. Na última década, a freguesia de Dume conheceu um apreciável crescimento, acompanhando o desenvolvimento da cidade de Braga, em cujo perímetro urbano já se insere.





Balneário romano de Dume

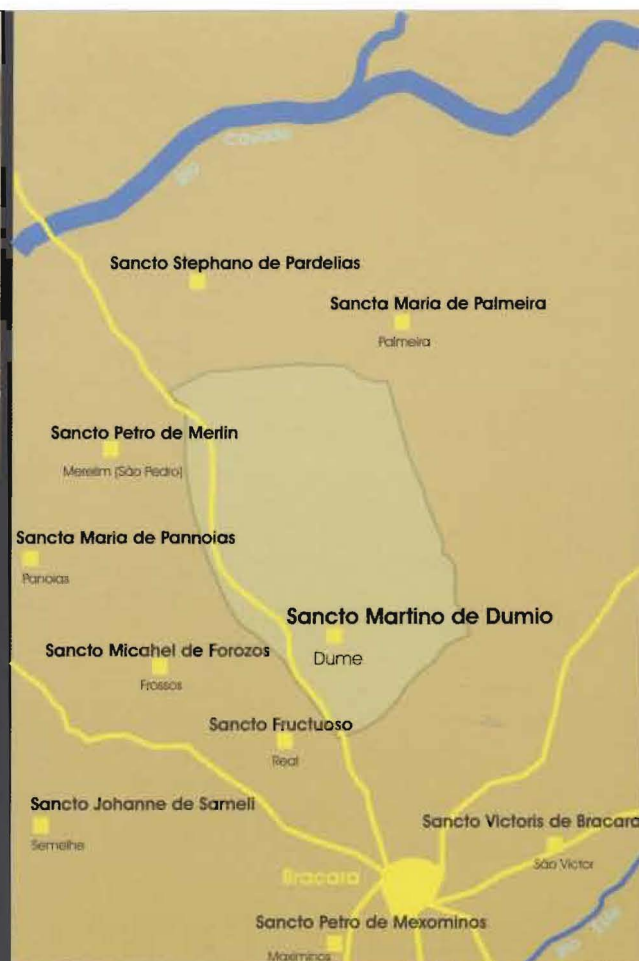
É um território de ocupação milenar, como comprovam os mais antigos vestígios correspondentes aos povoados de Cabanas e do Monte Castro, ocupados durante as chamadas Idades do Bronze e Ferro, no decurso do 1.º milénio a.C. Mas com a fundação da cidade romana de *Bracara Augusta*, nos últimos anos antes de Cristo, estrutura-se um novo povoamento. O espaço entre a cidade e o rio Cávado foi cruzado pela via que ligava Braga a Astorga, por Ponte de Lima e Tui, desenvolvendo-se nas suas proximidades e junto dos solos mais férteis, diversas *villae* e *vici*, como testemunham vestígios arqueológicos em Dume, Palmeira, Merelim e Santo Estêvão o Velho.

Durante o domínio suévico e visigótico (séculos V a VIII), destaca-se o contributo de São Martinho e de São Frutuoso, ambos bispos de Dume e de Braga, a quem se deve a fundação de dois dos mais antigos mosteiros documentados no actual território português, precisamente os mosteiros de São Martinho de Dume e de São Salvador de Montélios.





Capela de São Lourenço da Ordem

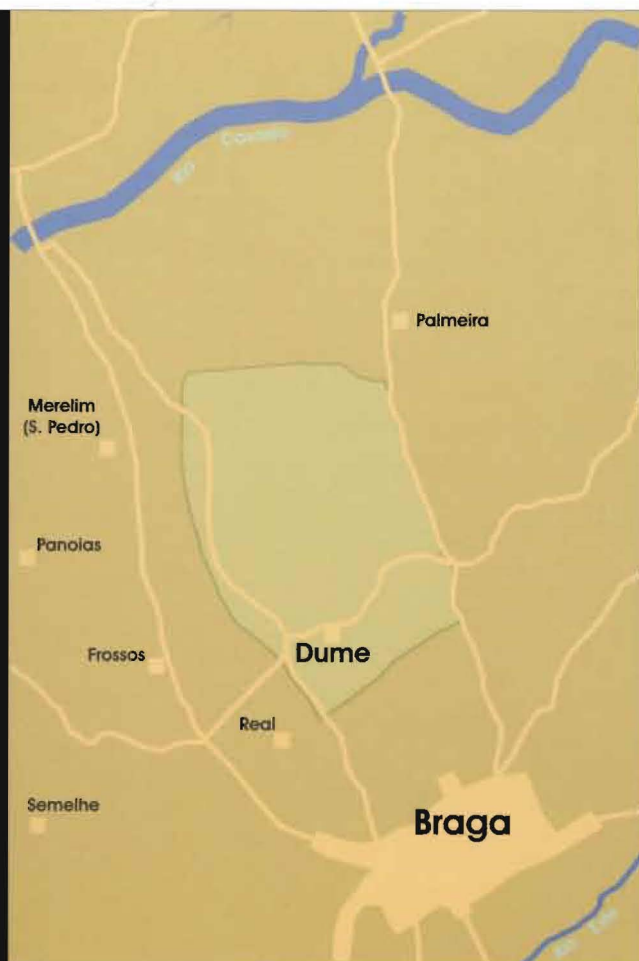


A partir de meados do século IX, o território bracarense conhece um novo enquadramento sócio-político, “restaurando-se” a cidade de Braga em 873 por Afonso III das Astúrias. Em finais do século XI e inícios do século XII, em plena afirmação do condado portugalense, identifica-se já um povoamento perfeitamente estruturado em torno das paróquias.

Relativamente a Dume sabe-se que, em 866, o bispo dumense Sabarico se transferiu para Mondonhede, na Galiza, devendo datar dessa época a extinção do mosteiro. Em 911, Ordonho II da Galiza mandou delimitar novamente o termo de Dume e confirmou a anterior doação ao bispo de Mondonhede, feita em 877 por Afonso III. Dume viria a ser restituída à diocese de Braga nos princípios do século XII, implementando-se então do culto do santo dumense.

É nesta época que, em Dume como em toda a região do Minho, se consolida a paisagem do minifúndio, suporte de uma policultura intensiva que proporciona tudo o que é necessário à sobrevivência da população.



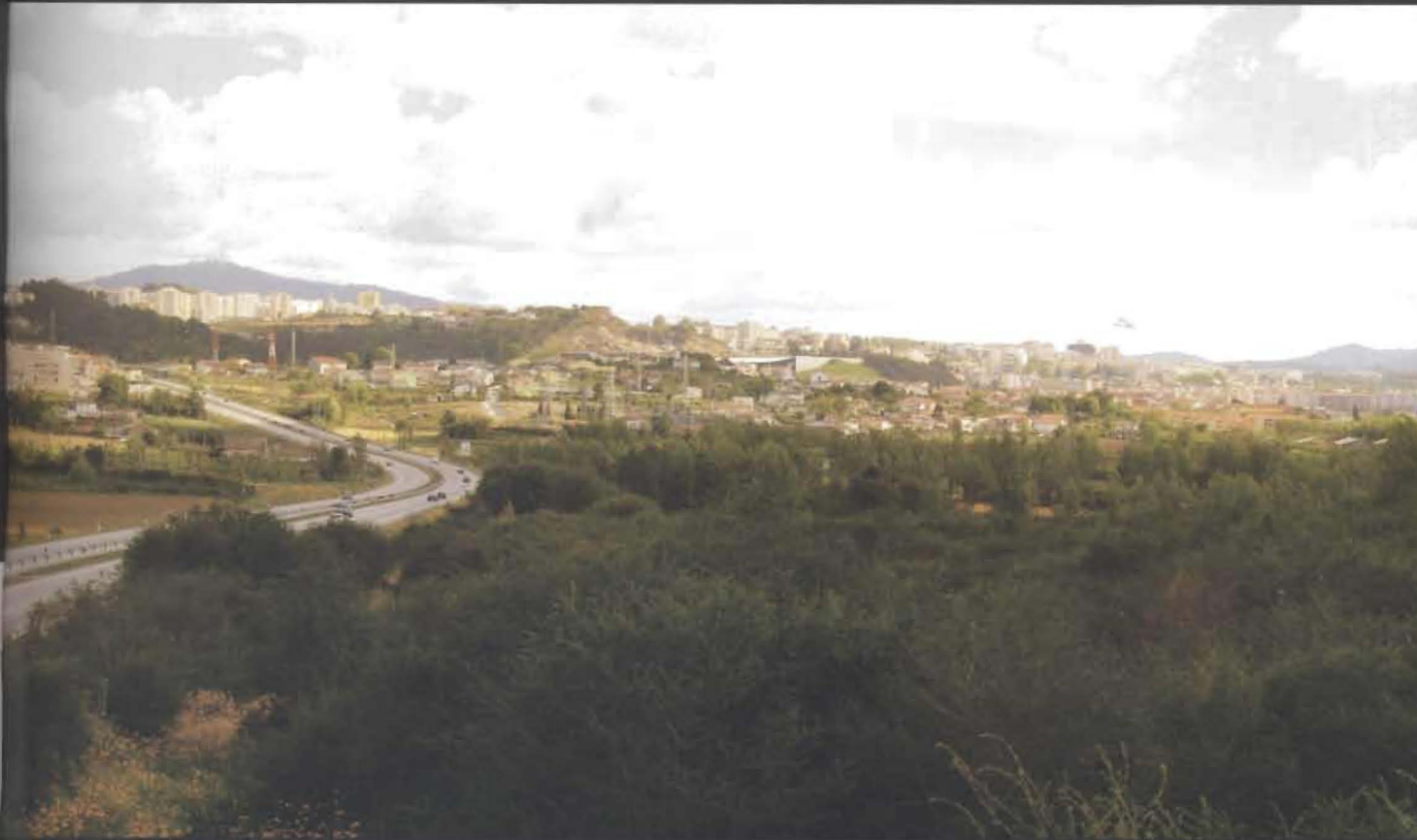


Padieira datada de 1738

A Idade Moderna assiste à consolidação da estrutura de povoamento fixada nos séculos medievais e, ultrapassadas as crises dos séculos XIV e XV, Dume conhece um relativo aumento da sua população. Com aproximadamente 450 habitantes nos inícios do século XVI, passa para os 600 na segunda metade do século XVIII e atinge os 1786 moradores nos finais do século XIX.

Em meados do século XIX, Dume acompanha o desenvolvimento da indústria manufactureira de Braga, assinalando-se um expressivo aumento dos fabricantes de pregos (“tachinhas”). Na transição para o século XX, alguns dos seus habitantes emigram para o Brasil. Os que regressam bem sucedidos fazem construir palacetes no centro da freguesia, por todos conhecidos como “casas dos brasileiros”.

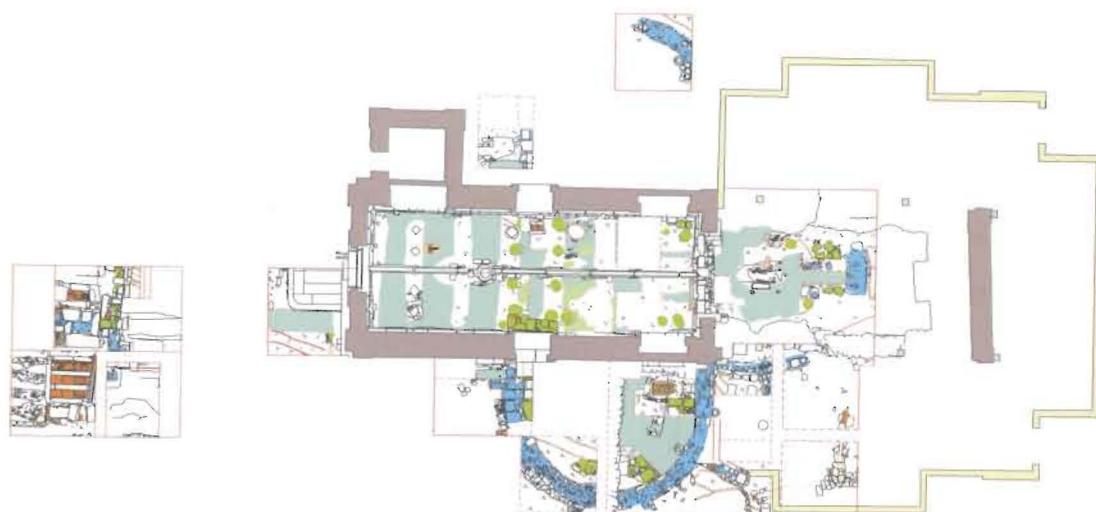






Vista interior da igreja paroquial de Dume, durante as escavações arqueológicas em 1988





- Romano (sécs. I-V)
- Suevo e Visigodo (sécs. VI-VIII)
- Alto Medieval (sécs. X-XI)
- Moderno (sécs. XVII-XVIII)
- Contemporâneo (inícios séc. XX)
- Actual (finais séc. XX)



## ABASÍLICA SUEVA

Entre o conjunto de monumentos de grande valor cultural, científico, arquitectónico e artístico existentes na freguesia de Dume, destacam-se, a par do túmulo dito de São Martinho, as ruínas arqueológicas da basílica sueva de Dume, que são já uma referência internacional da arqueologia cristã, contribuindo decisivamente para colocar Braga no roteiro dos mais importantes núcleos de arquitectura cristã antiga da Europa Ocidental.

As ruínas da basílica sueva de Dume (classificadas como Monumento Nacional - Decreto N.º 45/93, de 30-11), localizam-se sob a actual igreja paroquial, no centro da freguesia, marcando a sacralidade do lugar desde há mais de 1500 anos. Mandada construir pelo rei suevo Charrarico cerca do ano 550, foi consagrada a São Martinho de





# A BASÍLICA SUEVA DE DUME E O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

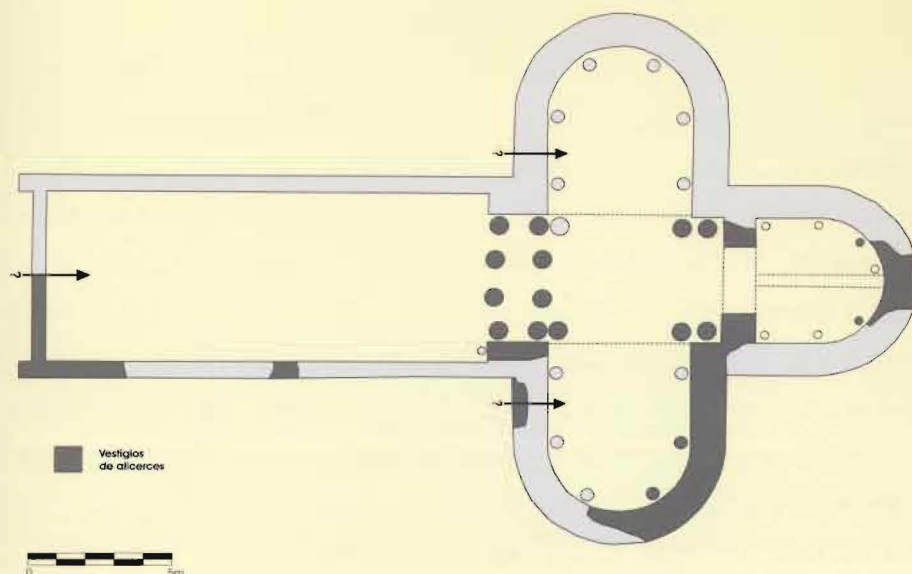
Tours, como voto de agradecimento pela cura do filho. Foi esta basílica que São Martinho de Dume elevou a sede episcopal, cerca de 558, após ter fundado um mosteiro junto, adaptando uma antiga *villa* romana. Dos textos coevos da fundação do mosteiro de Dume e dos séculos seguintes, transparece precisamente a importância do conjunto monástico dumense como centro de difusão religiosa e cultural.

As primeiras referências à existência de um primitivo templo soterrado sob a igreja paroquial datam do século XVIII. São fornecidas por Valério Pinto de Sá, que relata, com alguma tristeza, a ampliação que então se fez da igreja paroquial sem se cuidar de proteger e estudar os inúmeros vestígios que surgiam da demolição do templo anterior. Do seu testemunho manuscrito, citado por João de Moura Coutinho, depreende-se a existência de uma edificação de planta trilobada, desenvolvendo-se sob o templo actual e estendendo-se pelo adro.

As escavações arqueológicas que aí se têm vindo a realizar, desde 1987, permitiram colocar a descoberto vestígios correspondentes a uma ocupação do local desde o século I até à actualidade, destacando-se significativos troços do templo de época sueva (século VI) e da sua reedificação alto-medieval (séculos IX-X), confirmando-se portanto a existência das ruínas vistas no século XVIII.

Justaposição de edificações visível na absíde sul





Restituição da planta da basílica sueva (c.550)

Os vestígios da basílica sueva estendem-se pelo adro e sob a actual igreja paroquial, numa área superior a 750 m<sup>2</sup>. Conservam-se restos da fachada, da nave, da quadra central e da cabeceira, conseguindo-se reconstituir o traçado global do primitivo templo. Construído com poderosas paredes de cantaria e de alvenaria graníticas, o edifício desenha uma planta em cruz latina orientada Oeste-Este, com cabeceira trilobada e uma só nave.

A excepcional dimensão do templo, mesmo no contexto peninsular, poderá explicar-se por se tratar de uma edificação de iniciativa régia, com a qual se deve ter pretendido afirmar não só o poder suevo, mas especialmente testemunhar, através de uma grandiosa obra arquitectónica, a efectiva conversão do rei e do seu povo ao cristianismo católico, conversão que São Martinho Dumense haveria de consolidar, lançando as bases da organização administrativa e territorial da Igreja Bracarense.

Este vasto edifício, com cerca de 33 metros de comprimento e 21 metros de largura máxima, apresenta uma divisão interior de espaços bem estabelecida: uma nave rectangular, com passagem à quadra central marcada por uma tripla arcatura apoiada em quatro pares de colunas, formando uma iconostasis de triplo vão; uma quadra central, que se elevaria em torre lanterna e que se prolonga lateralmente por duas absides semicirculares, formando uma espécie de transepto, ritmando-se as paredes internas com uma teoria de colunas adossadas; uma capela-mor também de planta



semicircular, mais elevada e à qual se acedia por três degraus, também ritmada interiormente por colunas adossadas.

Do ponto de vista da organização litúrgica do espaço, as três zonas que se diferenciam com clareza na basílica de Dume testemunham toda a complexidade do serviço litúrgico de época suévica, correspondente a uma prática de culto em que se separava o santuário e o coro, reservado aos sacerdotes, da zona da nave, reservado aos fiéis, apontando para uma tradição litúrgica cristã com origem no Mediterrâneo oriental, muito provavelmente grega.

A solução planimétrica evidenciada pela basílica de Dume inscreve-se no modelo de igrejas orientais que, a partir do século VI se difundiu pelo ocidente europeu. A penetração precoce deste modelo na região bracarense parece resultar de uma difusão oriunda das regiões italianas de Milão e de Ravenna, que aqui poderia ter chegado tanto por via marítima mediterrânica, como por via continental, esta através do reino franco-merovíngio.

Da decoração arquitectónica praticamente nada se encontrou. Os raros elementos arquitectónicos que poderiam ter feito parte da edificação sueva ostentam formas ou temáticas decorativas características das artes pré-românicas do Noroeste Peninsular, assemelhando-se a produções datadas, noutros monumentos, dos séculos V-VIII: um fragmento de cancel, em mármore, com decoração vegetalista; um fragmento de friso com decoração geométrica de losangos, em calcário; e um fragmento de grelha de gelosia, também em calcário. Uma imposta granítica, decorada com motivo em espinha e roseta, poderá ser de cronologia mais avançada, eventualmente associável à reconstrução alto-medieval da igreja de Dume.

Aos finais do século V ou princípios do século VI deve reportar-se igualmente a tampa de sepultura com restos de mosaico recolhida no adro da igreja, onde integrava um grupo de sepulturas alto-medievais nas quais foi reutilizada.

Fragmento de grelha de gelosia



Fragmento de cancel





Anverso e reverso da tremisse do Rei Chintila (636-639)

Depois da edificação da basílica e da reconversão da *villa* em mosteiro, no século VI, o sítio não parece ter conhecido grandes transformações, testemunhando-se arqueologicamente a sua ocupação até ao século IX. Em 866 documenta-se o abandono do mosteiro por parte do seu abade Sabarico, que se refugia em Mondonhedo, no litoral Norte galego. Em 911, Ordonho II da Galiza manda delimitar novamente o termo de Dume e confirma a anterior doação ao bispo de Mondonhedo, feita em 877 por Afonso III das Astúrias. Terá sido no quadro desta manutenção do interesse por Dume por parte da corte asturiana, que se terá reedificado a primitiva basílica sueva de Dume, erguendo-se então uma nova igreja paroquial.

É portanto no contexto histórico do século X que situamos cronologicamente a reedificação da igreja de Dume, a ela se reportando os vestígios melhor conservados e mais amplos colocados a descoberto pelas escavações arqueológicas.

Feita *a fundamentis*, a reedificação do templo foi também uma ampliação. As novas paredes, solidamente alicerçadas na arena granítica, ergueram-se contra a face externa das paredes do edifício primitivo, determinando assim a manutenção da planta anterior com cabeceira trilobada e uma só nave, naturalmente agora de maiores dimensões - cerca de 35 metros de comprimento por 23 metros de largura na zona do cruzeiro/transepto, e um alargamento ainda maior na largura da nave, que passou para 11,5 metros.

A manutenção do traçado geral da planta foi, porém, o único elemento anterior que permaneceu. Com efeito, a tecnologia construtiva e a organização interior do espaço revelam-se absolutamente distintos. A nova construção foi feita com





paredes mais estreitas, medindo 0,80 metros de espessura, em cantaria granítica de blocos de pequena e média dimensão, dispostos em fiadas horizontais mais ou menos uniformes. Nos alicerces incorporaram-se alguns silhares almofadados de grandes dimensões, colocados espaçadamente e ligeiramente salientes em relação ao prumo da parede. A ábside meridional foi reforçada exteriormente com quatro muretes/contrafortes, dispostos radialmente a partir do topo da ábside.

Interiormente, a organização do espaço conheceu também alterações significativas. Os restos do primitivo templo foram completamente cobertos pelo espesso pavimento argamassado, tipo *opus signinum*, do novo edifício, anulando-se todas as teorias de arcaturas anteriores. Na ábside oriental, que se conservou sobrelevada em relação ao resto do edifício, identificaram-se restos de assentamento de altares de diferentes tipologias: ao fundo, junto ao topo da ábside, elevavam-se quatro colunas graníticas, de que só apareceram os restos de três, suportando o que poderia ser uma espécie de cibório ou baldaquino; ao centro da ábside, encontrou-se parte de um rebaixamento/encaixe no pavimento, rebocado com estuque granuloso, desenhando uma forma rectangular com aproximadamente 1,20 x 0,80 metros de lado



e 0,10 metros de profundidade, enquadrado por quatro cavidades de embasamento de colunelos (?) - parece tratar-se do embasamento de um altar que, num primeiro momento seria do tipo cipo ou caixa, assentando no encaixe aberto no pavimento, e que posteriormente terá sofrido alterações e uma ligeira deslocação para oriente, passando a ser constituído por uma mesa apoiada em colunelos (?) - uma moeda de D. João I recolhida numa das cavidades que ladeiam o encaixe, situam essas alterações nos princípios do século XV (1409-1415), antes ainda das profundas perturbações que, na segunda metade do século XVI, a conturbada trasladação das supostas relíquias de São Martinho de Dume causou nesta parte da igreja.

Com o arco triunfal alargado, a passagem da ábside ao cruzeiro/transepto acentuou-se com dois degraus, de que se conserva boa parte do degrau superior, desenhados pelo próprio pavimento argamassado. O amplo espaço definido pelo cruzeiro e ábsides laterais, formando um verdadeiro transepto, apresenta uma pavimentação uniforme, praticamente sem diferença de nível. Na ábside Sul, contra o arranque oriental da parede, foi em época posterior implantada uma sepultura cuja construção, rasgando o pavimento, foi destruída parcialmente, aproveitando-a, a parede do século VI que estava soterrada. Na ábside Norte, vestígios de um pavimento lajeado e uma base de coluna, que parecem *in situ*, sobrepõe-se ao primeiro pavimento da reedificação, testemunhando alterações tardias de que, para já, não se conhecem as características e amplitude globais.



Perspectiva sobre a fossa de modelagem e fundição de sinos



A passagem à nave conheceu também uma alteração profunda. Eliminada a tripla arcatura anterior, ficou uma abertura mais ampla que esbateu, sem anular completamente, a separação entre a nave e o cruzeiro/transepto. Este "alargar" do espaço acessível aos fiéis foi reforçado, na nave, com o aumento da largura desta. Aqui, o pavimento, para além de se apresentar melhor conservado e em áreas mais extensas, integra uma fossa de modelagem e fundição de sinos - axialmente centrada sobre o eixo longitudinal da igreja e muito próxima da passagem ao cruzeiro, esta estrutura forma uma espécie de caixa, de planta sub-rectangular, de paredes aparelhadas com blocos de granito e fragmentos de tijolo, apresentando a face interna revestida de barro colocado grosseiramente com os dedos e evidentes sinais de fogo. Com cerca de 1,25 metros de comprimento e 0,85 metros de largura, desenvolve-se cerca de 0,80 metros em profundidade, recortando ligeiramente a arena granítica. Por aflorar ligeiramente acima do pavimento e pela sua elevação em curvatura convergente, esta estrutura deveria fechar em abóbada.

Duas portas laterais, abertas nas paredes ocidentais das ábsides junto aos arranques da nave, estabeleciam a ligação ao exterior. Haveria ainda uma porta principal, aberta na fachada ocidental da nave. As duas entradas laterais, bem identificadas pelos cunhais e soleiras que se conservam, abriam um vão de 1,20 metros, que se transpunha através de um degrau. Na porta lateral Sul este era formado por três tijolões com restos de mosaico, reaproveitados (correspondem a três partes distintas de mosaico, ostentando uma decoração geométrica com paralelos tipológicos nas produções romanas tardias do *Conventus Bracarensis* - podendo ser da *villa* romana, afigura-se também possível que pertencessem a tampas sepulcrais paleocristãs, considerando o facto de o suporte do mosaico ser constituído por tijolões, solução que não parece ocorrer na decoração musiva de pavimentos.

Uma espécie de cinta formada por fragmentos de tegulae, de tijolos e de placas de ardósia, com uma largura média de 0,50 metros, rodeava exteriormente toda a construção.

No que concerne ao espaço exterior, destacam-se os vestígios de um pavimento de tijolo moído, uma espécie de *opus signinum* mais frágil, encostado ao ângulo formado pelas ábsides Este e Sul, em que se incorporaram duas bases de colunas invertidas, o qual poderá corresponder a um compartimento tipo capela lateral anexa, claramente posterior - seria esta a capela lateral que albergou originalmente o túmulo dito de São Martinho?





Vista parcial da necrópole da Alta Idade Média

Já na zona frontal da igreja colocaram-se a descoberto importantes vestígios da necrópole alto-medieval, composta por diversas sepulturas que apresentam como característica comum serem todas de inumação em caixa pétrea bem estruturada, de formato rectangular e orientadas Este-Oeste. Umas são de tijolo, outras em alvenaria e outras ainda em lajes monolíticas, apresentando leitos de terra ou de *tegulae* e coberturas compósitas de lajes graníticas. Nota especial para o facto de se ter identificado, reutilizada como cabeceira comum de três sepulturas, uma tampa de sepultura com mosaico, datável dos séculos V-VI, a qual se recolheu.

Para a época, nesta região, o modelo planimétrico de cruz latina constituirá uma excepção, no quadro dos modelos que então se difundem e em que dominam as igrejas de nave e ábside rectangulares. Compreende-se, aqui, por ser uma solução local claramente herdada do modelo anterior. O que poderia parecer uma inovação não passará, portanto, de uma permanência que, se considerarmos também a reutilização sistemática de materiais construtivos anteriores, se deverá relacionar mais com a escassez de meios do que com a vontade consciente de perpetuar um modelo arquitectónico "clássico".

Só nos séculos XVII-XVIII se verificará a grande ruptura arquitectónica, na





sequência de nova reedificação, provavelmente determinada por um incêndio que parece ter afectado sobretudo a zona da cabeceira.

Depois de demolida a igreja medieval, construiu-se sobre as suas ruínas um novo edifício, agora de nave e ábside rectangulares, rompendo-se definitivamente com o modelo anterior. De comum, apenas dois únicos elementos: a localização do arco triunfal, erguido exactamente no mesmo sítio dos anteriores, aproveitando mesmo os seus embasamentos e a conservação do eixo longitudinal original. Menos comprido e mais estreito que os anteriores, o novo edifício foi construído reutilizando materiais anteriores nos alicerces e alvenaria granítica nova nas paredes, dispersando-se os restos dos antigos templos por habitações da localidade. Para alicerçar as novas paredes e o pavimento interior da nave, rasgaram-se largas valas destruindo profundamente as ruínas soterradas. Os abundantes enterramentos feitos posteriormente no seu interior, prática comum até finais do século XIX, acentuaram ainda mais essa destruição, tornando especialmente difíceis as escavações e análises arqueológicas dos vestígios descobertos.





## O TÚMULO DITO DE SÃO MARTINHO

Acompanhando as reivindicações por parte da Igreja Bracarense relativas ao reconhecimento dos antigos direitos da diocese bracarense, que em Dume se terá traduzido na promoção do culto de São Martinho de Dume, regista-se em 1103 a devolução de Dume à diocese de Braga, na qual se integra já não como bispado-mosteiro, mas sim como paróquia.

É exactamente neste período, finais do século XI e inícios do século XII, que, de acordo com os especialistas, se produz uma das mais notáveis peças de escultura funerária pré-românica do actual território português o túmulo dito de São Martinho de Dume.

Retirado da igreja paroquial de Dume em 1919, o túmulo dito de São Martinho de Dume esteve durante décadas arrecadado em dependências diversas, na perspectiva de vir a integrar o núcleo expositivo do Museu D. Diogo de Sousa, tendo sido mostrado ocasionalmente em algumas exposições internacionais, designadamente na Real Academia das Artes, em Londres, em 1955-56; no Festival Europalia Portugal 91, em Gand, 1991-92 e na exposição Nos Confins da Idade Média, no Porto, em 1992.

Entretanto, em 1982 e após ter sido restaurado no Museu Monográfico de Conímbriga, a Secretaria de Estado da Cultura determinou a sua devolução à paróquia de Dume, dando satisfação a uma antiga ambição da população. Após vicissitudes várias, esse processo concretizou-se em 2006, com a construção de um edifício de raiz para albergar o Túmulo dito de São Martinho de Dume, onde hoje se pode observar essa magnífica obra de arte funerária.

Datado por Helmut Schlunk, a quem se deve o mais detalhado estudo monográfico do monumento, de finais do século XI ou inícios do século XII, o túmulo de Dume é constituído por duas peças de calcário (pedra de Ançã): uma arca tumular com cavidade antropomórfica, com o lateral direito decorado em baixo-relevo; e uma tampa ligeiramente trapezoidal, com a face superior também decorada em baixo-relevo.

A arca tumular mede 2,060 metros de comprimento máximo, 0,670 metros de largura na cabeceira e 0,575 metros de largura nos pés, apresentando uma altura máxima de 0,395 metros. A tampa mede 2,130 metros de comprimento máximo, 0,710 metros de largura no lado direito e 0,625 metros de largura no lado esquerdo, apresentando ainda uma espessura média de 0,095 metros.





0 10 20 cm



No lado direito da arca tumular, sugerindo que esse lado deveria ficar exposto, foi esculpida uma cena composta por uma personagem central nimbada, em posição de oração por detrás de um altar com frontal reticulado, por sua vez enquadrada no arco central de um edifício com mais dois pares de arcos menores e cobertura de *tegulae*. De cada lado da figuração central distribuem-se nove personagens, quatro no primeiro plano e cinco em segundo plano, vestidos com roupagens pregueadas, de mangas largas, que aparentam ser casulas. Alguns autores admitem que esta cena esculpida em baixo-relevo no lateral da arca tumular, poderá representar o próprio São Martinho de Dume e a sua comunidade monástica.



Na face superior da tampa, em campo ligeiramente trapezoidal igualmente delimitado por uma moldura frisada, foi esculpida uma cena complexa, composta por um medalhão central circular desenhado por uma coroa de louros, que abriga a representação de Cristo em pé sobre um pequeno banco, com um livro nas mãos e nimbado, entre nuvens. Este medalhão central parece transportado por dois anjos alados, cuja figuração inclinada sugere movimento, como se voassem. A cena completa-se com a representação dos quatro Evangelistas, dois de cada lado da figura central, sobre banquinhos e sob a forma antrozo-mórfica de corpo humano alado, vestido com túnica e manto e cabeça de animal. À direita de Cristo está São Marcos, com cabeça de leão e São Mateus, com cabeça de homem; à esquerda estão São Lucas, com cabeça de touro e São João, com cabeça de águia.





Alguns autores consideram que as duas peças que compõe o túmulo dito de São Martinho de Dume podem ter pertencido a monumentos diferentes, propondo para a tampa uma cronologia mais antiga, de finais do século VI e para a arca tumular uma cronologia mais recente, embora ainda de época visigótica. Outros sugerem cronologias em torno dos séculos IX e X. A partir de 1968, graças ao estudo detalhado feito por Helmut Schlunk, passou a aceitar-se uma datação balizada entre meados do século XI e inícios do século XII, admitindo-se que as duas peças formariam originalmente um conjunto unitário, coerente em termos das figurações esculpidas, nas quais se identifica a representação simbólica do Advento do Senhor, na tampa e a oração do Final dos Tempos, na arca tumular.

Braga, Julho de 2006.



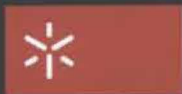
## Bibliografia de referência

- ALARCÃO, Adília (1978) - "Os restauros do sarcófago de S. Martinho de Dume", *Minia*, 2.<sup>a</sup> Série, 1, Aspa, Braga, pp.5-19.
- FONTES, Luis Fernando de Oliveira, "Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92", *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, 1991-92, pp. 199-230.
- FONTES, Luis F. de Oliveira, "O Norte de Portugal no Período Suevo-Visigótico. Elementos para o seu estudo", in *Actas XXXIX Corso di Cultura Sull'Arte Ravennate e Bizantina*, (Ravenna, 6-12 Aprile 1992), Ravenna, 1992, pp. 217-248.
- FONTES, Luis Fernando de Oliveira, "Sarcófago, dito de São Martinho de Dume, in **Cristo: fonte de esperança**, (Catálogo Exposição do Grande Jubiléu do Ano 2000, 17 Junho -17 Setembro, Alfândega do Porto), Porto, 2000, pp.210-211.
- MACIEL, M. Justino, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996.
- SCHLUNK, Helmut (1968) - "Ein Sarkophag aus Dume im Museum in Braga", *Madridrer Mitteilungen*, 9, Madrid, pp.424-458.

## Para saber mais

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) - *História da Arte em Portugal. Arte da Alta Idade Média*, 2, Publicações Alfa, Lisboa, (1988), pp.155-156 e 160-162.
- BARROCA, Mário Jorge (1987) - *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho (séculos v a XV)*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, (policopiado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp.190-196.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1997) - *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, (2.<sup>a</sup> ed.), Braga.
- CUNHA, Rodrigo da (1989) - *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, (ed. fac-símile do original de 1634), Braga.
- FEIO, Alberto (1953-54) - "A Arte da Alta Idade Média no distrito de Braga", *Bracara Augusta*, 5, Braga, pp.61-78.
- GAILLARD, Georges (1955-56) - "Deux sculptures funéraires provenant de Saint Martin de Dume", *Bracara Augusta*, 6-7, pp.63-73.
- MONTEIRO, Manuel (1980) - "L'Art Pré-Roman au Portugal", *Dispersos*, Aspa, Braga, pp.400-417.
- RODRIGUES, Jorge (1995) - "A arquitectura românica", *História da Arte Portuguesa*, 1, (dir. Paulo Pereira), Círculo de Leitores, Lisboa, pp.194-195.
- SILVA, Manuel da (1919) - *Dume e o seu primeiro Bispo*, Póvoa de Varzim.





Universidade do Minho  
Núcleo de Arqueologia



JUNTA DE FREGUESIA  
DUME